



Eleitores dos EUA devem ir em massa para as urnas nesta terça-feira

Nesta terça-feira (6/11), os eleitores dos EUA vão às urnas, com expectativas de que o comparecimento irá bater todos os recordes anteriores. O clima é de muita ansiedade, parecido com o que antecede uma final de campeonato: não se fala em outra coisa. E nem sequer é uma eleição “para” presidente. Mas se diz e se repete que as eleições de 2018 são sobre “o” presidente — no caso, Donald Trump.

Será uma eleição em que os eleitores vão usar a caneta como instrumento para mostrar sua satisfação ou sua frustração com o governo Trump — uma espécie de consulta popular. Basicamente, metade da população dos EUA quer ver Trump governando em um mar de rosas, com amplo apoio republicano. A outra metade quer ver Trump navegando em águas turbulentas, podendo afundar em qualquer momento, por ação dos democratas.

Dessa forma, a questão mais importante sobre as eleições de 2018 se refere à quantidade de eleitores de cada partido que estão mais motivados — ou seja, “quantos” eleitores do Partido Republicano e “quantos” do Partido Democrata estão decididos a se expressar nas urnas.

As eleições chamadas de *midterm elections*, porque ocorrem no meio do período das eleições presidenciais, não têm muito prestígio. Em 2014, por exemplo, apenas 36,7% dos “eleitores qualificados” se deram ao trabalho de votar, uma vez que o voto não é obrigatório, segundo o *HuffPost*.

Assim, os inúmeros telefonemas que o cidadão recebe todos os dias em sua casa, de firmas de pesquisa eleitoral e de organizações partidárias, não começam com perguntas sobre intenção de voto — começam com a pergunta se o eleitor pretende votar nas eleições de 6 de novembro.

Há indicações de que o eleitorado pretende se manifestar em massa nessas eleições. A primeira delas é a ansiedade dos eleitores: neste ano, mais de 30 milhões de votos foram enviados pelo correio até o início de novembro, em estados que permitem votação antecipada — 10 milhões a mais do que em 2014.

Outra indicação significativa é que a quantidade de registros de novos eleitores bateu todos os recordes em estados decisivos, chamados de *swing states*, porque tanto um candidato republicano como um democrata podem ganhar em uma eleição ou outra — entre eles, Colorado, Iowa e Virginia. Há estados em que a vitória de um ou outro partido é garantida, não importa quanto esforço se faça para reverter a situação.

A terceira indicação importante é o volume de contribuição para a campanha eleitoral vindo de cidadãos que não são milionários ou bilionários ou ainda de organizações partidárias ou de grandes empresas. Nesse aspecto, os democratas superaram os republicanos por 3 a 1 em montante de doações de menos de US\$ 200.

Nacionalmente, 31 dos 50 estados dos EUA e mais o Distrito de Colúmbia (D.C., o distrito federal dos EUA) registram os eleitores por filiação partidária. Nesse quesito, o Partido Democrata tem quase 12 milhões de filiados a mais do que o Partido Republicano.



Nas [eleições para o Senado](#), em que 35 senadores (nove republicanos, 24 democratas e 2 independentes) vão concorrer neste ano, isso significa muito pouco — ou quase nada. Afinal, a Califórnia, que tem 35,5 milhões de habitantes, elege apenas dois senadores, tal qual Wyoming, que tem apenas 579,3 mil habitantes.

As pesquisas indicam que o Partido Republicano, porque só tem cinco cadeiras em jogo, vai aumentar sua maioria no Senado de 51 a 49 para 52 a 48. Essa situação desespera os democratas por causa da Suprema Corte, uma vez que a confirmação das indicações do presidente é decidida apenas pelo Senado.

O presidente Trump já nomeou dois novos ministros ultraconservadores, garantindo uma sólida maioria de 5 a 4 votos. Se ele nomear mais dois em seus últimos dois anos de mandato, a corte terá maioria de 7 a 2 votos por várias décadas por vir.

Nas eleições para a Câmara dos Deputados, as vantagens aparentes dos democratas indicam que vão recuperar o controle da Casa. Mas essa não é uma tarefa fácil, por causa de duas situações de manipulação eleitoral.

Uma delas é conhecida como *gerrymandering*, em que governos e Assembleias Legislativas republicanos desenharam mapas distritais que os favorecem em seus estados. Isto é, eles reuniram em um único distrito toda uma área com população pobre, negra e hispânica, tradicionais eleitores democratas. E em dois ou três distritos, áreas em que os eleitores são tradicionalmente republicanos. Isso resulta na eleição, no caso, de três deputados republicanos e um democrata, em uma área que reúne quatro distritos.

A outra tática é suprimir o direito a voto de população pobre, negra, hispânica e de índios, proibindo o voto de quem não tem carteira de motorista ou residência fixa (nesse caso, com prejuízo maior para índios).

Apesar disso, os democratas devem ganhar a Câmara. Hoje, as 435 cadeiras são ocupadas por 235 republicanos, 193 democratas e 7 estão vagas. A maioria se estabelece com 218 votos, portanto. As previsões são de que os democratas irão conquistar 239 cadeiras nestas eleições, e os republicanos, 196.

Isso é visto como consequência da “onda azul” (*blue wave*) que assolou o país, uma referência à cor do Partido Democrata, em oposição à cor vermelha do Partido Republicano.

Essa onda foi alimentada pelas ações e pelo comportamento do presidente Trump, que o eleitorado americano desaprova fortemente, e pela colocação, na marra, de dois juízes ultraconservadores na Suprema Corte.

A nomeação de Brett Kavanaugh, que foi confirmado pelo Senado apesar de acusações de assédio sexual contra ele, energizou particularmente as mulheres que fazem campanha pelo Partido Democrata.

Porém, o mesmo fato que energizou os democratas (a nomeação de dois juízes conservadores a custo de uma batalha parlamentar) energizou os republicanos. Estes também estão motivados pelas segundas promessas de Trump de combater a imigração e de manter ileso (com ajuda do Congresso e da Suprema



Corte) a Segunda Emenda da Constituição, que lhes garante a posse e o porte de arma.

Date Created

05/11/2018